

AS CONTRIBUIÇÕES DE ÉLISÉE RECLUS PARA A GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

Marcos Augusto Marques Ataídes*

João Gabriel da Fonseca Mateus**

Introdução

O presente trabalho é fruto dos debates que ocorreram durante o grupo de estudo “O anarquismo e a questão ambiental em Reclus”, que ocorreram durante o segundo semestre de 2011 na Universidade Estadual de Goiás - Unidade Anápolis, orientado pelo professor Marcos Augusto Marques Ataídes, com a participação de alunos desta e de outras instituições, além de professores da rede estadual. Nas leituras a respeito do referido autor percebeu-se que suas posturas políticas contribuíram para estabelecer uma geografia associada às concepções libertárias em algumas de suas obras, tendo o mesmo, sempre demonstrado uma preocupação em estabelecer uma relação entre o conhecimento geográfico e a educação libertária.

Nessa perspectiva foi feito um recorte nesses estudos para apresentar o presente artigo, que tem como objetivo geral expor brevemente as concepções de uma geografia libertária comprometida com a transformação social. Tal debate foi “esquecido” durante muitos anos dentro da ciência geográfica, mas felizmente nas últimas décadas do século XX e nas primeiras do século XXI, o debate em torno dos autores anarquistas tem crescido o que estimulou uma procura nas obras de Reclus e nas suas análises geográficas.

O anarquismo situado historicamente

O anarquismo ainda é considerado um termo pejorativo. Sua definição etimológica de origem grega (sem governo) foi sempre associada à desordem, em decorrência, sobretudo, da ausência do “chefe” ou no caso do Estado. Essa definição que aparece no dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2000), mostra claramente o desconhecimento epistemológico no qual esse termo, que surgiu na Grécia, com diferentes filósofos, mostrava que o Estado era uma violência contra o indivíduo. Por

*Graduado em Licenciatura em Geografia pela UFPEL/RS; Mestre em Educação pela PUC/GO; Professor do curso de Licenciatura Geografia da Universidade Estadual de Goiás - UEG/UnUCSEH. E-mail: ataidesmarcos@gmail.com.

**Graduando em História pelo IFG – Câmpus Goiânia. Autor do livro *Educação e Anarquismo: uma perspectiva libertária* (Rizoma Editorial, 2012). Membro do corpo editorial da Revista Espaço Livre. E-mail: joaogabriel_fonseca@hotmail.com

exemplo, Sócrates afirmava que “os sábios não deveriam abrir mão da liberdade em prol do Estado” e até mesmo Kropotkin destacou o que Zenão dizia sobre o papel da autoridade do Estado, já que o filósofo grego “repudiava a onipotência do estado, sua intervenção e regimentação, e proclamava a soberania da lei moral do indivíduo”.

No entanto, o anarquismo como uma prática que coloca em cheque a desordem produzida pela (des) organização do Estado ao longo da história procura evidenciar que o princípio de controle e autoritarismo que advêm da força do Estado em beneficiar as classes dominantes, não é algo natural. Nesse sentido,

Raciocinar deste modo é ignorar completamente os progressos realizados no domínio da história durante os últimos oitenta anos; é desconhecer que o homem, antes de sentir o peso do Estado, viveu em sociedade no decurso de milhares e milhares de anos; é olvidar que, na Europa, o Estado é de origem recente, visto que data, apenas, do século XVI; é esquecer, enfim, que os períodos gloriosos da humanidade foram aqueles em que as liberdades não tinham sido ainda esmagadas pelo Estado, naqueles períodos em que as massas humanas viviam em comunas e em federações livres (KROPOTKIN, 2000, p. 9).

As colocações de Kropotkin (1842-1921) procuravam mostrar claramente no século XIX, que esse Estado não é algo natural, conforme outros geógrafos como Ratzel e La Blache defendiam, mas uma criação das relações do capitalismo moderno. Em que pese na análise do referido autor, o Estado nos Impérios Antigos associados às cidades ocidentais como, por exemplo, Roma e Grécia, que mesmo na antiguidade já sofriam críticas pela violência contra o indivíduo, mostra que esses conflitos são fruto de um processo alimentado em qualquer sociedade que se organiza pela divisão de classes.

Porém, pensar o anarquismo apenas como antiestatismo é um reducionismo imperioso. O anarquismo deve ser compreendido como uma corrente de socialismo situado em um tempo e espaço. Por isso, entendemos que as estratégias lançadas pelos anarquistas sobre a questão da educação é fundamental para situar o anarquismo no tempo e no espaço. O que apresentaremos aqui é a posição de Reclus que considerava a questão da educação, autonomia e do convencimento estrategicamente fundamentais (CORRÊA, 2011, p. 45).

Vejamos que o próprio anarquista francês diz em *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista*.

“A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores”, diz a declaração de princípio da “Internacional”. Esta frase é verdadeira em seu

sentido mais amplo. Se é certo que sempre ditos “providenciais” pretenderam fazer a felicidade dos povos, não é menos certo que todos os progressos humanos foram realizados graças à própria iniciativa de insurretos ou de cidadãos já livres. É, portanto, a nós mesmos que incumbe libertar-nos, todos nós que sentimos oprimidos, de qualquer maneira que seja, e que permanecemos solidários a todos os homens lesados e sofredores, em todas as regiões do mundo. Mas, para combater, é preciso saber. Já não basta lançar-se furiosamente à batalha, como cimbrós e teutões, berrando sob seu escudo ou em um chifre de auroque; chegou o tempo de prever, calcular as peripécias da luta, preparar cientificamente a vitória que nos dará a paz social (RECLUS, 2002, p. 51).

Quando Reclus apresenta a indissociável relação da educação para com a Revolução ele está deixando claro que a formação humana passa por momentos de desenvolvimento do pensamento humano e este deve caminhar para a destruição do capitalismo. Para Reclus existe uma educação moral associada à luta do proletariado. Esta educação em seus escritos não deixou de conter uma crítica anarquista para o desenvolvimento de uma luta radical e revolucionária sobre a sociedade de classes e a vida sob a tutela anti-humana do Estado.

O conhecimento geográfico e a luta libertária

A geografia escolar aparece sempre associada às determinações do Estado, do Imperialismo e nacionalismo. No entanto foi durante o século XIX, que surgiu uma “Geografia Anarquista” nas obras e nas concepções políticas militantes de Piotr Kropotkin e Jean Jacques Élisée Reclus, que defendiam os princípios de uma Educação Libertária condizente com a prática da filosofia anarquista. No entanto, a militância desses dois geógrafos levou-os ao ostracismo dentro da Ciência Geográfica que tanto defendiam e contribuíram. Um exemplo desse processo mostra o quanto o sistema capitalista tem como princípio o extermínio das ideias que ousam contestar sua estrutura e sonham com a sua destruição.

A luta de Reclus em mostrar através de diferentes espaços geográficos na maneira como a opressão vai se consolidando através de relações mediadas pela luta de classes, sua explanação em “A origem da família, do Estado e da propriedade” que está expressa em O Homem e a Terra, permite percebermos essa relação.

A guerra, sob suas mil formas, foi uma das grandes causas, a mais importante de todas as que contribuíram para a instituição da propriedade privada. Antigamente a maioria dos economistas se comprazia em descobrir na apropriação do solo a mais nobre origem, o trabalho. Mas a observação do que ocorre entre os primitivos atuais

mostra que esse ponto de partida deve ter sido exceção. O trabalho do solo realizado no seio de uma comunidade por um dos membros beneficia naturalmente o conjunto dos co-participantes, sem que por isso estes pensem em outorgar ao zeloso companheiro algum privilégio que o distinga absolutamente dos demais. As desigualdades de poder causadas por lutas intestinas e pelas guerras explicam bem melhor as desigualdades de posse que se introduziram no governo das sociedades (RECLUS in ANDRADE, 1985, p. 67).

Nessa perspectiva, as concepções de uma geografia anarquista ou libertária desenvolvida por Reclus tinha como finalidade a promoção de uma educação libertária que tem como objetivo a emancipação do indivíduo, resgatando assim brevemente as contribuições para reflexão de uma possível “Geografia Anarquista” esquecida por gerações de geógrafos, porém, sempre lembrada pela sua importância. Isso nos autoriza a afirmar que uma ciência desenvolvida em uma estrutura burguesa, não é desculpa para não ousar desafiar o *status quo* dominante e seu princípio de existência.

Uma das primeiras afirmações de Reclus (2011) a respeito da Geografia Escolar do seu tempo questionava o conhecimento inútil dessa ciência preocupada em armazenar dados sem significados para os alunos. Élisée Reclus foi implacável em criticar as estruturas do ensino de geografia baseados na reprodução de livros didáticos. Em suas palavras:

Sobretudo em Geografia, ou seja, precisamente no estudo da natureza terrestre, convém proceder pela visão, pela observação direta desta Terra, que nasce e que eu dou o pão que nos alimenta; mas o ensino da geografia, como continua ainda em nossas escolas carrega a marca dos tempos escolásticos: o professor pede ao aluno um ato de fé, pronunciando, além disso, em termos cujos sentidos não dominam; recita prontamente os nomes dos cinco rios da França, de três cabos, de dois golfos e um estreito; sem referir esses nomes a nenhuma realidade precisa. Como poderia fazê-lo, se o mestre jamais lhe apresenta nenhuma das coisas que fala e que se acham não obstantes, na mesma rua, em frente à porta da escola, nos rios e charcos de água que formam a chuva? (RECLUS, 2012, p. 15-16).

A realidade escolar de Reclus remonta ao século XIX. Mas quanto dessa perspectiva ainda está presente nas escolas brasileiras? Quantos jovens apresentam resistências ao ensino de Geografia associado puramente ao livro didático que continua sendo o único “instrumento de aprendizagem” nas escolas públicas e nas privadas onde existem ainda as apostilas? Enfático sobre tais questionamentos que apresentam o engessamento do pensamento geográfico, Reclus diz: “Não há texto para o ensino

da geografia nas escolas primárias. Não conheço um só que não esteja infectado do veneno religioso, patriótico ou, o que é ainda pior, da mentalidade burocrática” (RECLUS, 2012, p. 27).

Nessas considerações do geógrafo e anarquista francês, podemos perceber sua atualidade, já que se tratava de um alerta em relação ao ensino das crianças, desenvolvido pelo Estado, que através das instituições criava-se uma profunda alienação em relação às questões sociais, levando-o ao distanciamento de uma educação emancipatória, libertária.

A educação para Reclus é uma relação entre o ideal pedagógico e a revolução na busca incessante pela educação integral, aquela que forma indivíduos em sua integralidade. Nas próprias palavras de Reclus, uma boa educação “comporta, portanto, um grupo de crianças bastante considerável para que elas possam entregar-se a obras comuns, atividades alegres e vivamente realizadas” (RECLUS, 2010, p. 20-21).

Ao criticar os fundamentos essenciais da instituição escolar, ele considera a educação do capitalismo como uma limitadora da liberdade do indivíduo que introjeta a naturalização das relações humanas (a hierarquia, as classes sociais, o capitalismo e a consecutiva exploração advinda desses elementos). Assim, a base da propriedade, relação fundamental para se entender o capitalismo, faz o homem manifestar-se por “índices de posse, tais como as marcas feitas sobre o pêlo ou a carne do animal” (RECLUS in ANDRADE 1985, p.66).

A negação da educação religiosa também é enfoque de Reclus, pois isto representa confiar a instrução aos inimigos da ciência (*idem*); (Ver também MATEUS, 2012). Em seus escritos, Élisée Réclus expôs claramente sua crítica à mentalidade cristã fomentada pela Igreja Católica, fazendo reflexões sobre a visão estreita da educação de sua época que propunha uma educação estritamente profissional, a qual era útil para as indústrias e não para a humanidade.

Em prefácio escrito para seu amigo russo Piotr Kropotkin na obra Palavras de um Revoltado, Reclus aponta que,

Não é, em absoluto, na escolha de novos senhores que está a salvação. É preciso que nós, anarquistas, os inimigos do Cristianismo, lembremos a toda uma sociedade, que se diz cristã, estas palavras de um homem do qual ela fez um deus: “Não digais a ninguém: Senhor, Senhor!” Que cada um permaneça o senhor de si mesmo. Não vos volteis para os púlpitos oficiais, nem para esta

ruidosa tribuna, na vã espera de uma palavra de liberdade (RECLUS in KROPOTKIN, 2005, p. 17).

Para sair dessa vida metafísica, Reclus fala sobre liberdade do indivíduo. Sobre a liberdade absoluta de pensamento e ação, o francês anarquista contrapõe as limitantes do mundo capitalista e as bases cristãs deste, expõe as condições para o desenvolvimento do pensamento livre e afirma a liberdade do indivíduo.

É desnecessário dizer que esta liberdade absoluta de pensamento, de expressão e de ação, é incompatível com a manutenção das instituições que põem restrição aí? Pensamento livre, que faziam a expressão sob forma de juramento definitivo, irrevogável, e pretendem até mesmo forçar o trabalhador a cruzar os braços, a morrer de inanição diante da ordem de um proprietário. (...) Sim, os anarquistas rejeitam a autoridade do dogma e a intervenção do sobrenatural em nossa vida, e, neste sentido qualquer fervor que eles tragam para a luta por seu ideal de fraternidade e de solidariedade, são inimigos da religião (RECLUS, 2002, p. 76).

Em referência aos progressos da ciência ao longo do tempo, Reclus aponta as principais necessidades de conhecimento que um revolucionário deve ter, sendo inseparável a necessidade de o “ideal da sociedade futura” (RECLUS, 2002) de agir e pensar livremente. Assim, a clara relação entre ciência e privilégio está exposta, sendo que tais privilégios são de uma determinada classe social que detém meios de expropriação, por exemplo, no capitalismo a burguesia e suas classes auxiliares que se apropriam do saber.

Outro elemento fundamental de se pensar é a sua concepção geográfica. Ramos (2012) diz que:

Para ele, as condições naturais poderiam ser (relativamente) determinantes quanto menos avançada fosse a organização social. A influência das condições naturais variava de lugar para lugar e de época em época. Portanto, era essencialmente antideterminista. Era ainda anticlerical, sempre procurando criticar as ações das instituições religiosas, do presente e do passado. Como grande parte dos anarquistas, suas posições eram favoráveis à igualdade de gêneros (RAMOS, 2012, p. 4).

Além disso, Reclus não “aceitava uma lei geral para toda a humanidade, na sua mudança do estado tribal ao Estado, pois cada povo possuía seus próprios caminhos. Para ele, diversas épocas coexistiam, pois o presente trazia consigo os vestígios, as marcas, as cicatrizes do passado” (ibidem, p. 14).

Considerações finais

À guisa de conclusão devemos procurar salientar que entender o pensamento de Élisée Reclus passa em compreender fundamentalmente as relações entre Reclus e a educação; isto através da sua trajetória no campo da geografia; e principalmente da sua luta política, enquanto militante anarquista. Afirmamos isso, pois, conforme o próprio Reclus deixa claro, a livre vontade do indivíduo em coletivo é o motor primeiro das dinâmicas sociais, ou seja, o plano político e espacial.

A considerada ruptura, transformação social na qual os oprimidos organizados lutam contra a destruição das relações de exploração só emana da própria autoformação e de suas próprias ações sem mediações institucionais como fica claro no pensamento de Élisée Reclus. Parafraseando Reclus, “A fundação de uma instituição, ainda que fosse para combater abusos gritantes, implica necessariamente a criação de novos abusos (RECLUS, 2002, p. 83)”.

As considerações traçadas por Reclus contribuem para um debate que procura resgatar a geografia libertária do seu ostracismo. E assim, podemos indagar: quantas das questões levantadas sobre Reclus continuam pertinentes no atual ensino de Geografia? O princípio de conhecimento e de interação com o meio em que se vive para transformar o aluno em um participante do ensino e não apenas em um mero espectador, já haviam sido levantadas por Reclus e outros anarquistas, com intuito de mostrar que a aprendizagem ocorre na plenitude da relação que se dá com o objeto a ser estudado, no caso da geografia, como ensinar sem procurar vivenciar a realidade.

Por mais que esses escritos foram feitos no século XIX, a crítica estabelecida ao ensino e à geografia continuam pertinentes, pois apresentam a relação que existe entre a educação e a luta de classes existente no sistema capitalista, que transformam a educação em um processo de submissão do indivíduo às regras feitas pelo Estado e por seus gerenciadores (os burocratas) que eliminam qualquer forma autônoma de pensar. É nessa perspectiva que deve ser lido a obra de Reclus, para que se deva entender que a ciência geográfica e o conhecimento geográfico nem sempre são sinônimos, mas na maior parte das vezes apresentam na forma dialética de compreender como se desenvolve as relações sociais no espaço geográfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. Élisée Reclus. São Paulo: Editora Ática, 1985.

CAMPOS, R. R. O Anarquismo na geografia de Élisée Reclus. In: Élisée, Rev. Geo. UEG - Porangatú, v.1, n.1, p.1-26, jan./jun. 2012.

CORRÊA, Felipe. Ideologia e Estratégia: Anarquismo, Movimentos Sociais e Poder Popular. São Paulo: Faísca, 2011.

KROPOTKIN, Piotr. O Estado e seu papel histórico. São Paulo: Imaginário, 2000.

RECLUS, Élisée. Prefácio. In: KROPOTKIN, Piotr. Palavras de um Revoltado. São Paulo: Imaginário, 2005.

MATEUS, J. G. F. Educação e Anarquismo: uma perspectiva libertária. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2012.

RECLUS, Élisée. A origem da família, do Estado e da propriedade. In: ANDRADE, Manuel Correia (org.). Élisée Reclus. São Paulo: Editora Ática, 1985.

RECLUS, Élisée. A evolução, a revolução e o ideal anarquista. São Paulo: Imaginário e Expressão & Arte, 2002.

RECLUS, Élisée. Anarquia pela educação. São Paulo: Hedra, 2011.

RECLUS, Élisée. KROPOTKIN, Piotr. Escritos sobre Educação e Geografia. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2012.

RECLUS, Élisée. O Homem e a Terra – Educação. São Paulo: Imaginário/ Expressão & Arte, 2010.